

CCB



Criatividade
e Inovação
Ano Europeu 2009

Crioulo

Uma ópera cabo-verdiana



ÓPERA 'CRIOULO'

27 E 28 Março 21h Grande Auditório Duração: 1h50m
ESPECTÁCULO DEDICADO À MEMÓRIA DE SÃO VICENTE E SASSÁ TAVARES

A ópera **Crioulo** é uma peça dinâmica, onde o belo, o grotesco e o sagrado se conjugam, entre os diversos mosaicos, através do movimento. Foi concebida como uma coreografia, não sendo apenas a música a transportar o conteúdo da ópera e não se limitando a contar histórias através dos cantores, mas também pelas imagens e linguagem gestual próprias da dança que vêm complementar a música. Trata-se de uma abordagem que associa diferentes níveis de representação sem que nenhum deles procure dominar o outro.

Uma **dramaturgia** onde se cruzam três linhas de ideias, diversas de estilo, épocas e pensamento: a História da formação de Cabo Verde, ancorada na música, com textos baseados em cânticos populares de trabalho e acontecimentos históricos; o Presente, chamando o Mar como via, como fosso que nos separa e nos une, cemitério para gentes do Sul que procuram o Norte, sinal de esperança ou mina do Eldorado, voltando a descobrir a mesma história passada dos séculos XVI e XVII, colada aos nossos dias; a Dança, um grito no silêncio, uma linha condutora que tece estas duas ideias temporais numa dicotomia constante – o sincretismo.

Uma **linha plástica** dotada de simplicidade e linearidade estética, onde o minimalismo repetitivo da forma cúbica, multiplicada no espaço cénico até à exaustão, mostra-se como metáfora do próprio porão, usado nas naus para transporte de mercadorias e gentes, aqui reinventado por este elemento caixa/grade metálica, criando assim uma enorme cortina de ferro onde podemos vislumbrar vultos navegando no seu seio.

A **música** sacralizada no alto do palco, como órgão de catedral, representa assim toda a música que viajou com os homens das naus e todo o pensamento aliado a evangelização.

O compositor inspirou-se na música mandinga e nos **Kotocos**, no batuque, na **coleixa**, nos ritmos de tambores de **sanjõn**, na morna, na música ibérica peninsular (com influências da música árabe), na **tabanka**, na 'valsinha' e no 'ambiente' musical dentro/fora do espaço temporal, aproveitando a música da época clássica europeia, a música tradicional da África Ocidental e de Cabo Verde, a música ibérica e situando todo este universo musical no tempo actual.

A **dança** apropria-se do espaço desenhado pelo objecto cénico que provoca o corpo aprisionado pelas amarras dos condicionalismos formais, onde o jogo psicofísico dos movimentos verticais se confronta com os planos circulares, a partilhar um destino comum no círculo interminável do pau de almajarra, de sofrimento, canseiras e maus-tratos, destilando suor, sangue e lágrimas.

HISTÓRICO POR VASCO MARTINS

O texto de **Crioulo**, escrito em língua cabo-verdiana é inspirado nos seguintes livros: **Cabo Verde, 'Nascimento e Extinção de Uma Sociedade Escravocrata'** (1460-1878) de António Carreira; **'Cantos de trabalho' em Cabo Verde** de Osvaldo Osório e **The Vice Roy of Ouidah**, de Bruce Chatwin.

A primeira versão desta ópera (no princípio uma cantata), com o nome de "Lágrimas na Paraise", foi composta em 1994, encomenda da Universidade de Paris VIII (França), interpretada pelas vozes solistas Soli Tuti, dois percussionistas do Senegal e o próprio compositor aos sintetizadores. Esta primeira versão com 25 minutos foi estreada nessa universidade em Março de 1994, para assinalar a Abolição da Escravatura. Em Junho do mesmo ano, no Palácio da Assembleia Nacional de Cabo Verde, foi interpretada a segunda versão com os mesmos músicos, sendo acrescentado na partitura outras partes.

Em 2002, para a abertura de Mindelo Capital Lusófona da Cultura foi tocada uma terceira versão também aumentada, com a produção artística de António Tavares que então sugeriu o novo nome: **Crioulo**. Teve este espectáculo um largo leque de músicos, incluindo o Coro de Câmara de Lisboa, Bau, Djurumani, Paulo Maria Rodrigues, Zinha e batucadeiras de Santa Cruz, Estrelas do Fogo, batucada de Mindelo, o percussionista Tey Santos, Máximo Casadey, e 11 bailarinos. Essa versão foi reposta na Cidade da Praia no dia 20 de Janeiro de 2003, data que assinala a memória de Amílcar Cabral.

A partir de Abril 2003, Vasco Martins optou por fazer uma quarta versão orquestrada, revista e aumentada de modo a que esta ópera tivesse a possibilidade de ser apresentada pelo mundo.

A partir de Agosto de 2008, o compositor fez acréscimos na música, orquestração e no texto, com a intenção de não haver um enredo habitual, mas sim o "fluir" do canto embebido na própria realidade dos factos, tendo a figura feminina (voz soprano solista) o papel essencial: o símbolo da esperança, a indicadora dos caminhos, a voz secreta, dando unidade ao desenrolar da ópera ou "tempo histórico".

No dia 17 de Janeiro, Vasco Martins finalizou **Crioulo**.

Palavras do compositor

Para além duma obra musical que fala de um período "mal aceite" (a sistematização legal do tráfico de escravos africanos), é este o meu testemunho de homem livre, reprovando todas as formas de servidão e escravatura que por vezes, subtilmente, ainda permanecem no mundo.

Também é, e sobretudo, a consciência da história do arquipélago de Cabo Verde, significativa história: mais de 400 anos sob o sistema da escravatura: suscita reflexão, coragem intelectual e mente aberta: a lei universal das causas e efeitos.

Quando o homem adere ao lucro e à avariza revestidos de uma ideologia religiosa-moral, comete quase sempre, em determinadas circunstâncias históricas, actos odiosos enraizados nos complexos de incompreensão, da crueldade e do racismo.

Neste mundo que tende muitas vezes derivar para a intolerância faço os meus votos que esta música induza sentimentos nobres e de esperança.

HISTÓRICO POR ANTÓNIO TAVARES

Começou em 1989, ainda em Cabo Verde, o interesse pela música de Vasco Martins. Cheguei mesmo a pedir-lhe que escrevesse uma peça musical para um espectáculo que na altura tinha em mente e que, pelos mesmos motivos de hoje como pelos de então, me fazem mover pelas coisas que essas ilhas têm de interessante e que constituem razão de estudo para qualquer criador. Lembro-me de ter proposto para a peça **Crioulo** a mesma intenção. "Nascimento do Crioulo" era o seu título provisório (chegámos mesmo a fazer um contrato de compra com o compositor onde o valor da peça ficou fixado em oitenta mil escudo cabo-verdianos).

Lembro-me de nas minhas visitas a casa do compositor, no Monte do Sossogo, com o meu colega e amigo Victor Vaz, do Vasco nos introduzir e mostrar o seu sistema de *Midi*. Nas nossas conversas, ele falava-me pela primeira vez de Stravinsky: "Devias ouvir este compositor. É excelente para quem quiser aprender a compor." Ficaram-me estas palavras na memória, que me levaram até ao Centro Cultural Francês em busca do tal homem, de nome esquisito, de que me falava e onde encontrei algumas referências.

Foi em 1991 que recebi uma bolsa para vir estudar em Lisboa. Também aí, antes de vir, o Vasco deixou-me várias impressões sobre a cidade e o país.

Levei de volta, em 1997, a minha primeira peça e voltei a encontrar-me com ele, tendo-me na altura apresentado várias peças originais e um disco, **Danças de Câncer**. Com ela estreei no Nes-Theatre em Amesterdão. A sala estava cheia. Era cabeça de cartaz. O impacto com o público foi estranho – metade da sala a aplaudir de pé e outra metade sentada. Na conferência no pós-espectáculo, várias pessoas questionavam-me sobre a originalidade da peça: uns achavam que copiava criadores europeus e que a música não era africana, e outros achavam fantástico por ser algo que englobava esses dois mundos – Europa e África.

Foi nessa altura que, para mim, o interesse pelo sincretismo se tornou ainda mais marcante. Andei à volta desta matéria. Procurei pelas ilhas este elemento que, a partir de então, se tornaria o meu cavalo de batalha – o sincretismo cultural em Cabo Verde. Encontrei nas palavras do escritor Luís Romano motivos para seguir com esta inquirição "Euro-afro-Verdiana" presente na sua tese. Após isto, em 2002, de volta a casa de Vasco Martins, ele apresentou-me a sua nova peça musical "Lágrimas na Paraise". Foi na mesma altura que recebi, da parte da vereadora da Cultura da Câmara Municipal do Mindelo, a Dra. Maria Estrela, um convite para a abertura da "Mindelo Capital Lusófona da Cultura". Pensei usar esta oportunidade como expressão de um manifesto que percorreria as ruas do Mindelo, e mais uma vez recorri ao Vasco, debruçando-me com ele sobre a peça musical para este evento. Preparámos um trabalho de fusão com a introdução de elementos de raiz tradicional numa estrutura de base clássica. Convidámos músicos das diferentes ilhas do arquipélago e outros na diáspora e fun-

dimos todas estas referências naquilo a que chamámos "Crioulo". O impacto junto do público e da crítica foi excelente, fazendo-nos mais tarde voltar a repensar a peça com uma nova roupagem e adaptá-la a uma formação mais pequena, de modo a poder pensar na sua apresentação pelo mundo.

Foi em 2007 que recebi um telefonema de João Charters, um senhor que não conhecia mas que havia assistido à apresentação nas ruas do Mindelo, em 2002, mostrando-me o seu grande apreço pelo que tinha visto então: "António, adorava quem pudesse apresentar esta peça em Portugal", adiantou. Depois de várias tentativas, chegámos ao CCB, junto do Dr. António Mega Ferreira, onde apresentámos o projecto, tendo este sido de pronto aceite, recomeçando assim uma nova etapa.

Nesse mesmo ano, voltei a reunir-me com o Vasco, na sua casa, onde lhe apresentei esta proposta da parte do CCB. Sempre quis chamar à peça **Ópera "Crioulo"**, conferindo-lhe uma dimensão que fizesse jus a este nome, embora houvesse quem até então a considerasse uma "opereta". Foi neste sentido que, desde 2003, a peça musical vinha sendo reescrita pelo Vasco, para uma base de orquestra clássica, ganhando uma outra dimensão em relação à peça de 2002. Finalizou-a em 2007, e entregou-nos as partituras para esta nova apresentação que estava, inicialmente, com estreia agendada para Abril de 2008, no Grande Auditório do CCB, mas que por motivos que me são pessoalmente dramáticos acabou por não ter lugar nesse ano. Com o acidente de viação que atingiu os meus filhos em Janeiro, não tendo o mais pequeno, Sassá, resistido ao brutal impacto, a peça foi inevitavelmente adiada, tendo sido acordada nova data para Março de 2009. Recomecei os trabalhos em Janeiro de 2009, tendo permanecido com o mesmo elenco escolhido em audições levadas a cabo no ano anterior.

Para esta peça houve um acréscimo nas três linhas fundamentais – musical, coreográfica e plástica – para repor a mesma temática mas agora com novo desenho, uma nova dimensão que já vinha a ser pensada desde 2003. Até então, trabalhámos na ideia dramática e plástica sem conhecer as inovações pelo Vasco em relação à peça original.

As partes musicais por ele propostas são agora de curta duração, com textos sem ligação narrativa entre eles, uma espécie de **haikus** retirados da tradição e história de Cabo Verde, sem fio condutor para formação de um desenho dramático. Foi então, a partir da narrativa construída pela linha coreográfica e plástica, que a dramaturgia foi sendo tecida e a ideia de ópera, em toda a sua dimensão e escala, começou a fazer sentido – este é um grito surdo que lançamos em forma de ópera.

António Tavares (Fev. 2009)

Ópera 'Crioulo'

LIBRETO
(3 ACTOS — 15 PARTES)

- 1 ABERTURA (INSTRUMENTAL)
- 2 TRAVESSIA
- 3 CHAI CHAI
- 4 MORTE COMO LIBERDADE
- 5 FUGA E SEMENTÊRA

- 6 INTERMEZZO I (INSTRUMENTAL)
- 7 ISABEL E TILINKA
- 8 SIMÃO
- 9 NÔ TEM FORÇA DÊS ROTCHA
- 10 COMBA LÊ LÊ... FULA, MANDINGA...

- 11 INTERMEZZO II (INSTRUMENTAL)
- 12 COMPANHIA DE CACHEU
- 13 FÉRRE EM BRAZA
- 14 MORNA 'SER'
- 15 FINAL: LIBERTAÇÃO

ABERTURA (instrumental)

ACTO I CENA 1

TRAVESSIA

(Símbolo da Lua, a voz do destino, travessia)

ACTO I CENA 1

Um nuvem d'oirode passá na céu, Mesmo assim nha coração Tem pôque luz Note banda d'mar Ainda um't'uvi Voz e voz na floresta	Uma nuvem dourada passou no céu, Mas mesmo assim, O meu coração tem pouca luz. No outro lado do mar, Ainda se ouvem vozes, Vozes na floresta.
--	--

Soprano: Soprano:

Eh, num navio ês trazê gent nôv U q'ê nós agora? eh oh: Min é voz qui ta bem dôt terra Voz di Lua Qui tud viagem cantá Nôs mund.	Foi num navio que trouxeram nova gente, "Que será de nós agora?" Eu sou a voz que veio de outra terra, A voz da Lua, Que todas as viagens deste mundo cantou.
---	---

E agora sim, é voz d'ôt Lua oh eh... Um voz um tem Nha voz é vida, mêsm assim é voz d'amor Lua-ilha	E agora, sim, sou voz de outra Lua, Tenho uma voz, A minha voz é vida. Mesmo assim é voz de Amor, Lua, ilha.
--	--

Coro: Coro:

Oh voz :nêss mar nô bem num navio Q'vela brônc e brumêdje Oh tônt dia q'só bô fui luz luz F'cá li Luz: nôs alma é livre	Oh voz, por este mar viemos num navio, Com vela branca e vermelha, Onde só vós, Durante tantos dias fostes luz. Ficai connosco Luz, E a nossa alma sempre será livre.
--	--

CHAI CHAI (Memória: Chai Chai)

ACTO I CENA 3

Coro: Coro:

Tuma cuidód Na Golf di Benim Pa cada um q'ta sei Corenta ta fc'a	Olha que no golfo do Benin, Para cada homem que saia, Quarenta ainda lá ficam.
---	--

Um cavól ta valê dez escrav E dos manta d' Alentej Cada hôme	Um cavalo vale dez escravos, E duas mantas do Alentejo, Cada homem.
--	---

Cha chai chai Bombalos bombalos Na savana Tangomao tangomao Aie aie aie ah Tangomao tangomao Oia oia oia eh	Cha chai chai Bombalos, bombalos, Na savana, Tangomao, tangomao, Aie aie aie ah. Tangomao, tangomao, Oia oia oia eh.
---	--

MORTE COMO LIBERDADE

(A morte como liberdade, interrogação)

ACTO I CENA 4

Soprano: Soprano:

Tônt hora na mei di nônt Morrê hoje Manhã um t livre! Má será q'ê cert? Ah ... Que morte ê cert? Ah... Que morrê é cabá q'tud êsse dor Pra sempre na nha alma préz? Ma nenhum dor ta durá ra sempr...(!)	Quantas horas no meio da noite, Morro hoje, E amanhã sou livre! Mas será que é certo? Que a Morte é certa? Que morrer é acabar com toda esta dor, Para sempre na minha alma de cativo? Nenhuma dor durou para sempre...
---	--

FUGA E SEMENTÊRA (Canção de trabalho)

ACTO I CENA 5

Coro: Coro:

lá iá cõtina iá Cõtina, (pássaro)
Mi N simia'l N ka kume'l Eu semeei e não comi.
Maman simia'l ek ka kume'l Minha Mãe semeou e também não comeu.
Ki fari papai ki more ka d'ôs Imagina então o meu Pai,
Lá papai me k'sta ta kume'l Que morreu faz tempo.
Lá papai me k'sta ta kume'l Ainda não comi o que semeei, meu Pai...
Ainda não comi o que semeei, meu Pai...

INTERMEZZO I (Instrumental)

ACTO II CENA 6

ISABEL E TILINKA

ACTO II CENA 7

Soprano: Soprano:

Um póne d'obra um tecê Um pano de obra que teci,
Um dia Um dia,
Ele sirvi pa compra Serviu p'ra comprar
D'nha amor Tilinka oh O meu amor, Tilinka.

Coro (baixos e tenores): Coro (baixos e tenores):

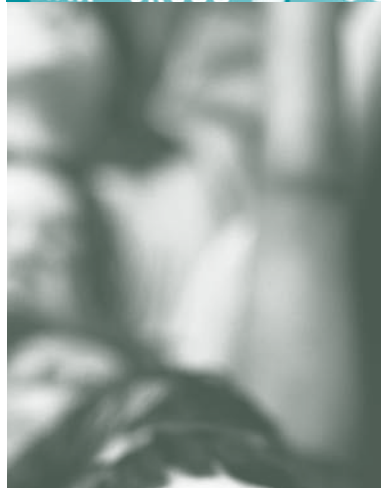
Um póne Isabel q'cês mon tecê Um pano Isabel com suas mãos teceu,
Má ca podê ter liberdad Mas com ele a liberdade não conseguiu.
Cónde ser hõme é ter Quando ser Homem,
Pêse d'un current É ter o peso de uma corrente,
Oh Isabel, Oh Isabel,
Bó'stá Oh tão longe que tu estás.

Soprano: Soprano:

Livre nô ta livre sim Sim, livres, nós estamos livres,
Má tont fome tem Mas tanta fome temos,
Que nós Tilinka Porque p'ra longe vai
Bai pa longe O nosso Tilinka.

Coro: Coro:

Oh lágrimas na Paraíso Lágrimas no Paraíso,
É nós sina É a nossa sina.



SIMÃO

ACTO II CENA 8

Coro: Coro:

Simão d'côr negre Simão de cor negra,
Tilibunca sem mescav Tilibunca sem mescave,
Rost redond Rosto redondo,
Oie pard Olhos pardos,
Três lonhe na cada lôd d'cara Três lanhos em cada lado da cara.
Simão d'cor negre Simão de cor negra,
Sete escrôv Sete escravos
D'boa fide De boa rês,
Bem num brigue de Bissau Vindos num grupo da Guiné-Bissau,
Nove mil reis cada um c'stá Nove mil reis, custava cada um.

NÔ TEM FORÇA DÊS ROTCHA

ACTO II CENA 9

Coro: Coro:

Um navio pirata Um navio pirata
Somá lá longe: Apareceu ao longe:
Alerta alerta! Alerta! Alerta!
Dôt vez ês levá Da outra vez,
Nha filha codê Levou a minha filha mais nova.
Nô proveitá Temos que fugir,
Pa f'gi pa rotcha Para as rochas.
F'gi d'amargura Fugir da amargura.
Num vale nô ta f'cá Esconder-nos-emos no vale.

Soprano: Soprano:

Nêss vale escondid Nesse vale escondido,
Nôv vida um tem nesse ilha Teremos nova vida nessa ilha,
Mesme sem pôde bai Mesmo sem podermos partir,
Pa mar azul c'um t'oiá Por este mar azul,
D'casa Que avistamos de casa,
Que mede d'ser panhòd Com medo de sermos apanhados.

Nha dóna era cruel tud hora A minha dona era cruel a toda a hora.
Estód fgide é medjôr Ser fugitivo é melhor,
Q'ser vendid Que ser vendido.
Nha dóna era cruel tud hora A minha dona era cruel a toda a hora.
Li é medjôr q'sirvi pa tud vida Aqui é melhor que servir a vida inteira.

Nô t'oiá mar, nô tem r'bêra
É tud q'nô mestê pa vida ah oh:
Um vale escondid

Olhamos o mar,
Temos uma ribeira,
E tudo o que precisamos p'ra viver,
Um vale escondido.

Coro:

Mil setecentos e doze
Tiv um grande fome
Tud um pôve
Bem pa nós lugar:
Que fazê nesse vale pirdid?

Coro:

Em mil setecentos e doze,
Houve uma grande fome.
Todos vieram cá ter:
Que fazer neste vale perdido?

Pa nós dône nô ca crê bai
Eh eh eh oh
Eh eh eh oh
Nôs história é fêt
De sofriment e dôr sempre

De volta para o nosso dono,
Não queremos voltar.
A nossa história é sempre feita,

Má nô tem força dês
Eh eh eh oh
Eh eh eh oh

COMBA LÊ LÊ... FULA, MANDINGA...

ACTO II CENA 10

Coro:

Fula, Mandinga, Bambará,
Papel, Bijagó, Assolum,
Balanta, Jalofo, Banhum,
Oih-ieh-eih-oh-ah,
Eih-aih-oh-eih-oh-ah-eih,
Olé Comba lê lê, Samba lê lê.

Fula, Mandinga, Bambará,
Papel, Bijagó, Assolum,
Balanta, Jalofo, Banhum,
Oih-ieh-eih-oh-ah,
Eih-aih-oh-eih-oh-ah-eih,
Olé, Comba lê lê, Samba lê lê.

INTERMEZZO II (Instrumental)

ACTO III CENA 12

COMPANHIA DE CACHEU

ACTO III CENA 12

Coro:

A partir d'1697
Por conta d'Companhia d'Cacheu
Um padre que piedad reconhecid
Táva dôtriná durante viagem
Tud escráv

A partir de 1697,
Por conta da Companhia de Cacheu,
Um padre de piedade reconhecida,
Doutrinava durante a viagem,
Todos os escravos.

Falá Deos
Que reine é esse
Q'ta pulsá
Na diferença
D'cor más escur
C'um côr más clór
Eh

Diz meu Deus,
Que reino é este,
Que escolhe,
Na diferença
De cor mais escura
E cor mais clara
Os seus fiéis?

FÊRRE EM BRAZA

ACTO III CENA 13

Coro:

Na nha peite
Tem marca de ferre
Em braza
Antes del murrê
Um cristâ libertá-me:
Nha pês
Táva sufocá-le

Coro:
No meu peito,
Há a marca de um ferro em brasa.
Antes de morrer,
Um cristão libertou-me.
O meu peso,
Sufocava-o.

MORNA 'SER'

ACTO III CENA 14

3 Vozes:

Um nuvem d'oirode passá na céu,
Mesmo assim nha coração
Tem pôque luz
Note banda d'mar
Ainda um't'uvi
Voz e voz na floresta

3 Vozes:
Uma nuvem dourada passou no céu,
Mas mesmo assim,
O meu coração tem pouca luz.
No outro lado do mar,
Ainda se ouvem vozes,
Vozes na floresta.

M'agora nô ta li
Pra sempre
Pa trás é temp
Q'passá
Nôs memória ta f'cá
É pa f'cá
Esse é ôt mar
É mar d'ilha
Q'ta bem fazê
Um nôv rume
Na nós camim

Mas agora estamos aqui,
Para sempre.
Para trás é tempo passado,
É memória que fica.
Este é outro mar,
O mar da ilha,
Que é novo rumo,
No nosso caminho.

Rotcha e vale construí nôs alma
Sangue misturôd fazê nôs corp
E bem na temp um flor d'vida
Aberte na som dum Morna-quente

Criôl ê um Ser
Ess munde ê um Ser
Na nôs raiz tud ága é pur,
Um árvore ta criá
Sempre pra cima

Rochas e vales, construíram a nossa alma.
Sangue misturado, fez o nosso corpo.
E com o tempo veio, uma flor em vida,
Aberta ao som de uma Morna quente.

Crioulo é um ser,
Este mundo é um ser.
Na nossa raiz,
Toda a alma é pura.
Uma Árvore que cresce,
sempre p'ra cima.

FINAL: LIBERTAÇÃO (Libertação, assunção do Crioulo) ACTO III CENA 15

Soprano:

Sim nô ta livre sim
Ot Lua tem pa mostrá camin
Ser um oraçon capaz de dá sentid
A esse liberdad

Nha voz agora é uvid
Na tud ês ilha, enfim aligria

Ser dôs, ser más do qui dôs Ser
Ser más do qui munde ta pô na nôs môn

Nô bá longe, nô bá longe
Eh um sonh ta p'di ôte sonh más grand
Criôl nô tem um destin

Lua Nova:
Tud gente uvi nha voz
Ele fui sempre cretcheu
Criôl!

Coro:

Nada um tem, num bote
Pa ôt ilha um ta bai!

Soprano:

Sim, estamos livres, sim.
A outra Lua existe,
P'ra nos iluminar o caminho,
Ser oraçon,
Que dá sentido à Liberdade.

A minha voz é agora ouvida,
Em todas essas ilhas,
Enchendo-me de alegria.

Ser dois, ser mais do que dois seres,
Ser mais do que o mundo nos dá.

Ir para longe,
É um sonho, que exige um sonho maior.
Crioulo, temos um destino.

Lua Nova,
Todos ouvem a minha voz.
Eu fui sempre querida,
Crioulo!

Coro:

Nada tenho,
Mas num bote,
P'ra outra ilha irei.

FIM.

FICHA ARTÍSTICA E TÉCNICA

DIRECÇÃO ARTÍSTICA, COREOGRAFIA E DRAMATURGIA **ANTÓNIO TAVARES** | MÚSICA E LIBRETO **VASCO MARTINS** | DIRECÇÃO MUSICAL **PEDRO NEVES** / VOZES PRINCIPAIS **CARLA SIMÕES** (SOPRANO), **SARA TAVARES** (ALTER-EGO)

CORO VOCES CAELESTES / SOPRANOS **ROSA CALDEIRA**, **VERÓNICA SILVA** / CONTRALTOS **MAFALDA BORGES COELHO**, **MANON MARQUES** / TENOR **JAIMÉ BACHAREL**, **JOÃO MOREIRA** / BAIXOS **GONÇALO ABRANTES**, **RUI BORRAS**

ORQUESTRA CORDAS **QUARTETO ARTZEN** > VIOLINO I **ANA PEREIRA** / VIOLINO II **ANA SERRÃO** / VIOLA **JOANA CIPRIANO** / VIOLONCELO **CAROLINA MATOS** / SOPROS > FLAUTA **JANETE SANTOS** / OBOÉ **CARLA DUARTE** / CONTRA-FAGOTE **GONÇALO PEREIRA** / TROMPA **THOMAS WILLIAM GOMES** / TROMPETE **FILIPE COELHO** / PERCUSSÃO > MARIMBA **SANDRO ANDRADE** / PERCUSSÃO **GEOCLÁNDIO MONTEIRO** / PARTICIPAÇÃO ESPECIAL > **JON LUZ** (CAVAQUINHO) / **SÉRGIO FIGUEIRA** (VIOLÃO)

BAILARINOS > **ANA SANTOS** / **BRUNO ALVES** / **CATARINA GONÇALVES** / **DJAMILSON PEREIRA BARRETO** / **FRANCISCO ROUSSEAU** / **GRAÇA REIS** / **HÉLIO SANTOS** / **KELLY NAKAMURA** / **RAQUEL NICOLETTI** / **RICARDO MOLAR** / **RITA OMAR** / **ROSY TAVARES** / **HUGO MEGA** (ESTAGIÁRIO) / PARTICIPAÇÃO ESPECIAL > **MARCELINO SAMBÉ**, **MATEUS SILVA** | FIGURANTE **EMERSON SANTOS**

ESPAÇO CÉNICO E ASSISTÊNCIA ARTÍSTICA **CATARINA PICCIOCHI** | DESENHO DE LUZ **JORGE RIBEIRO** | DESENHO DE SOM **LUÍS DELGADO** | FIGURINOS **SOFIA VILARINHO** (**TÂNIA FRANCO - ACESSÓRIOS EM CABEDAL, CENA 8**) | CARACTERIZAÇÃO **MÁRIO COBRAS** | DIRECÇÃO TÉCNICA E DE CENA **JOÃO FRANGO** | ASSISTÊNCIA COREOGRÁFICA E ENSAIOS **PAULA PINTO** | FOTOGRAFIA **MARTA FERREIRA**, **NUNO SALGADO** | DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO **NUNO RICOU SALGADO** | PRODUÇÃO **RITA CABRAL FAUSTINO**, **EMÍLIA FERREIRA**

APOIOS E PATROCÍNIOS **PAULO PEREIRA** | COMUNICAÇÃO E IMAGEM **CCB**, **PROCUR.ARTE**, **IMAGO** | CO-PRODUÇÃO **CENTRO CULTURAL DE BELÉM** / **PROCUR.ARTE** | **EVENTO INTEGRADO NO ANO EUROPEU DA CRIATIVIDADE E INOVAÇÃO**

ANTÓNIO TAVARES – Direcção artística, coreografia e dramaturgia > Nasce em Cabo Verde onde inicia o seu trabalho na área da dança como bailarino do grupo Mindel Stars. Com este grupo faz a sua primeira digressão internacional em 1986, passando pela Holanda, Senegal, França e Macau. Em 1991 funda os grupos Crêcheu e Compasso Pilon, desenvolvendo um trabalho de pesquisa sobre dança. Estuda na Escola Superior de Dança e na Escola de Artes e Ofícios do Espectáculo em Lisboa, onde acaba também por leccionar. Além de trabalhar com vários coreógrafos portugueses — entre outros, Olga Roriz, Aldara Bizarro, Francisco Camacho, Rui Nunes e José Laginha — desenvolve ao mesmo tempo os seus próprios trabalhos como coreógrafo e bailarino. Criou projectos como: “A Ilha”, “Clan-Destinos”, “Fou-Naná” (Centro Cultural de Belém — 1997), “SOBREtudo” (Danças na Cidade’97), “Danças de Câncer” (uma co-produção Portugal/Cabo Verde, com música original de Vasco Martins 1999), “Caminho Longe” (New Jersey Performing Art Center - Nova Iorque), “Different Voices” (Bates Dance Festival), espectáculo multimédia “Blimundo”, do cineasta cabo-verdiano Leão Lopes, “Spidaranha”, “Ópera Crioulo” (2002), “Recordai!” (Mindelo, 2003), “K’mê Deus” (2003), “White Noise” (Gulbenkian, 2005), “Some Voices” (Bélgica, 2005), “L’ Abbandono al Tempo” (Bélgica, 2006), Aniki Bobo (Casa da Música-Porto, 2008).

VASCO MARTINS – Música e libreto > Compositor, pianista e poeta, Vasco Martins nasceu em Portugal em 1956, filho de pai cabo-verdiano e mãe portuguesa. Aos nove anos viaja para S. Vicente, em Cabo Verde, juntando-se à família paterna. É onde até agora vive e cria a sua obra musical. Estudou em Portugal com o compositor Fernando Lopes-Graça e em França com o compositor e chefe de orquestra Henri-Claude Fantapié. De retorno a Cabo Verde, compõe a suite sinfónica ‘Danças de Câncer’ para orquestra sinfónica e escreveu, durante 12 anos, a série das nove sinfonias que constituem a essência da sua obra musical, além de inúmeras peças que abarcam a música tradicional de CV, *sound design* para sintetizadores, música electro acústica, improvisações, canções, peças para orquestra de cordas, significativas peças para guitarra clássica, estudos musicológicos sobre a morna. No princípio de 2008 finaliza a ópera ‘Crioulo’. A sua obra sinfónica já foi apresentada em vários países: Brasil, França, Colúmbia, Canadá, Portugal, USA, Austrália. A NCPo dirigida por CO-Munroe gravou recentemente quatro sinfonias. A Moravian Philharmonic Orchestra, dirigida por Vit Micka gravou a Sinfonia 9.

PEDRO NEVES – Direcção musical > Nasceu em 1975 em Águeda. O seu percurso musical inicia-se no conservatório da cidade de Aveiro, onde estudou violoncelo com a Prof. Isabel Boiça. Mais tarde ingressa na Academia Nacional Superior de Orquestra, em Lisboa, na classe do Prof. Paulo Gaio Lima, onde conclui o grau de bacharelato em 1996. No mesmo ano obtém uma bolsa de estudos da Fundação Calouste Gulbenkian para continuar o seu aperfeiçoamento artístico com o Prof. Marçal Cervera, na Escola de Música Juan Pedro Carrero, em Barcelona, onde se mantém até 1999. Paralelamente, frequenta *master-classes* com Maria de Macedo, Paulo Gaio Lima, Daniel Groscurin, Marçal Cervera e Anner Bylsma. Foi premiado nos concursos “Juventude Musical Portuguesa” e “Prémio de Jovens Músicos”. Paralelamente à sua actividade como violoncelista, estudou direcção de orquestra com o reconhecido pedagogo e maestro Jean Marc Burfin na Academia Nacional Superior de Orquestra, onde obtém o grau de licenciatura com elevada classificação. Em virtude do seu crescente desejo de se aperfeiçoar como maestro, Pedro Neves aprofundou os seus conhecimentos com Emílio Pomarico em Milão e frequentou *master-classes* com Alexander Polishchuk. Foi convidado para dirigir a Orquestra Metropolitana de Lisboa, a Orquestra Nacional do Tejo, a Filarmónica das Beiras, a Orquestra de Câmara Portuguesa, a Orquestra do Algarve, a Orquestra Nacional do Porto e a Orquestra Esporarte, da qual foi maestro titular de 2004 a 2008, mantendo actualmente uma colaboração regular. Pedro Neves é professor na Academia Nacional Superior de Orquestra e maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho. É fundador da Outrarte, associação musical multidisciplinar.

CARLA SIMÕES – Voz principal | Soprano > Terminou o curso de Canto da EMCN, com a classificação máxima, na classe da Prof. Ana Paula Russo, e trabalha actualmente com João Lourenço. Interpretou diversos papéis, nomeadamente: Pamina, 2.ª Dama e 1.ª Menino, 1.ª Dama e 1.ª Menino (A Flauta Mágica, Mozart), Cherubino (As Bodas de Figaro, Mozart), Zerlina (Don Giovanni, Mozart), Clarice (Il Mondo della Luna, Avondano), Nora (Raiders to the Sea, Vaughan Williams), Norina (Don Pasquale, Donizetti), Donna Anna (Fiore Nudo, espécie de ópera a partir de cenas de D. Giovanni), Johanna (Sweeney Todd, Sondheim) e Egg-Wisk (Evil Machines, Luís Tinoco). Foi também solista em diversas peças de oratória e estreou obras de compositores nacionais como Paulo Ferreira-Lopes e Pedro Moreira. Apresentou-se como solista no Teatro Nacional de São Carlos, Teatro São Luiz, Teatro Nacional São João, CCB, Aula Magna, UL, entre outros, bem como nos Festivais: MusiAtlântico, Mateus, Costa do Estoril, Transeuropeén (Ruen).

SARA TAVARES – Voz principal | Alter-Ego > Desde que se estreou, em 1994, até hoje, Sara Tavares tem vindo a aprofundar uma identidade musical capaz de integrar diversos elementos, sejam eles africanos, portugueses ou simplesmente universais. Partindo da música *soul* americana que cantava na sua adolescência, já passou pela intensidade espiritual do *Gospel*, até chegar a uma sonoridade muito própria ou mesmo única. O seu talento, não só de cantora mas também de compositora, tem vindo a amadurecer de forma a conquistar um lugar muito seu, capaz de reflectir uma vivência repartida por Portugal, Cabo Verde ou pelas constantes viagens que leva a cabo pelo resto do mundo. Hoje, é já uma das maiores representantes de uma musicalidade que nasce em Lisboa mas que se inspira no passado africano e no presente da sua diáspora, para vir, finalmente, a desaguar numa sonoridade puramente universal. Aventureira, como é, Sara Tavares tem vindo a explorar outras áreas, integrando projectos multidisciplinares na área da dança contemporânea e agora neste **Crioulo** de António Tavares.

VOCES CAELESTES – Coro > É um grupo vocal de constituição variável, de acordo com as exigências das obras a interpretar. Esta característica, aliada à vasta experiência dos cantores que o integram – que se estende da música medieval à criação musical contemporânea –, permite às Voces Caelestes abordar um extenso repertório. Assim, desde a sua estreia, em 1997, o grupo tem interpretado em concerto obras que vão de Machaut a Lopes-Graça, passando por Bach, Handel, Vivaldi, Haydn, Mozart, Mendelssohn e Grieg, entre outros. Paralelamente, tem feito incursões

esporádicas nos domínios da ópera e de outros espectáculos multidisciplinares. A par do seu empenhamento na divulgação da música antiga portuguesa, as Voces Caelestes têm dedicado especial atenção à música contemporânea. Este vasto repertório tem sido apresentado em diversos auditórios de Lisboa (CCB, Culturgest, Gulbenkian, Teatro Municipal de S. Luiz, entre outros), bem como noutras localidades, no âmbito de algumas das mais prestigiadas manifestações musicais. Em Agosto de 2006, as Voces Caelestes fizeram a sua estreia internacional, participando, com grande sucesso, no prestigiado Festival Internacional de Música Antiga de Daroca (Espanha). As Voces Caelestes têm-se apresentado a *cappella* e em colaboração com diversos instrumentistas e agrupamentos (Camerata Academica Salzburg, Orquestra de Câmara Portuguesa e Orquestra Metropolitana de Lisboa), sob a direcção do seu maestro titular Sérgio Fontão, e dos maestros convidados Harry Christophers, Laurence Cummings, Peter Schreier e Michael Zilm.

QUARTETO ARTZEN — Cordas > O Quarteto Artzen é formado por quatro jovens portuguesas: Ana Pereira (violino), Ana Filipa Serrão (violino), Joana Cipriano (viola) e Carolina Matos (violoncelo). Foi criado em 2005, no âmbito da disciplina de música de câmara da classe do Prof. Paul Wakabayashi da Academia Nacional Superior de Orquestra, em Lisboa. Como agrupamento residente tem representado, a referida escola, em espectáculos extracurriculares, tendo sido referenciado em vários festivais nacionais, bem como no estrangeiro. Entre estes destacam-se: o intercâmbio Toulouse/Lisboa em 2006; e o Festival de l'Été Mosan 2007, em Bruxelas. Apresentaram-se em concerto no 30.º Festival de Música de Verão Paços de Brandão com o prestigiado trompista Abel Pereira, e obtiveram o 1.º prémio no concurso Prémio Jovens Músicos, na modalidade de música de câmara de nível superior. O contacto com diversas personalidades relevantes do meio artístico nacional e internacional, e a oportunidade de trabalharem com os famosos Quarteto Borodin e Hagen Quartet, trouxe ao quarteto uma visão artística de inovação e coesão necessárias para o desempenho de uma formação deste género. Actualmente, o quarteto continua em formação preparando um vasto repertório para concertos já agendados.

CATARINA PICCIOCHI – Espaço cénico e assistência artística > Arquitecta, nasceu em Lisboa, onde se formou pela Faculdade de Arquitectura – Universidade Técnica de Lisboa. Ao longo do seu percurso, tem vindo a integrar diversos *ateliers* da capital, colaborando em trabalhos distintos. Para além da arquitectura, o seu interesse pelo teatro e formação em dança encaminham-na pela área do espectáculo e arquitectura do espaço cénico. Em 2006 inicia a sua parceria com o coreógrafo e bailarino António Tavares, resultando daqui o seu trabalho com maior relevo – “Il Abandonno al Tempo” – da companhia Vanzilverpapier (Gent) – espectáculo interdisciplinar de dança, teatro e canto, baseado em peças musicais de J. S. Bach – com estreia em Gent e digressão pela Bélgica e Holanda.

JORGE RIBEIRO – Desenho de luz > Iniciou a sua formação teatral no TEUC (Teatro dos Estudantes da Universidade de Coimbra), enquanto aluno da Licenciatura em Engenharia Electrotécnica da Universidade de Coimbra. Concebeu o desenho de luz para mais de 80 espectáculos de teatro, dança, ópera e música trabalhando com vários encenadores, coreógrafos, músicos e maestros, dos quais se destacam: Rogério de Carvalho, José Wallenstein, Ricardo Pais, Natália Luiza, Ana Tamen, António Durães, João Grosso, Manuel Sardinha José Neves, Cristina Carvalhal, Vera Mantero, Rui Lopes-Graça, Vânia Gala, Nuno Rebelo, Luísa Amaro, John Mauceiri, João Paulo Santos e Stefan Asbury. Estes trabalhos foram produzidos e/ou apresentados no Teatro Nacional de São Carlos, Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Nacional de São João, Culturgest, Centro Cultural de Belém, Teatro da Cornúpcia, Ballet Gulbenkian, Companhia Nacional de Bailado, Centro Dramático da Galiza, Potsdam Fabrik, Project Art Center — Dublin, The Place - London, entre outros. Foi chefe de Gabinete Técnico do Teatro Académico de Gil Vicente (Coimbra) e director técnico do Teatro Nacional de São João (Porto) e da Coimbra Capital Nacional da Cultura 2003. Foi professor da disciplina de iluminação na Academia Contemporânea do Espectáculo do Porto, onde ainda lecciona pontualmente.

SOFIA VILARINHO – Figurinos > Após licenciatura em *design* de Moda pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa, na qual foi aluna de mérito em 2005, Sofia Vilarinho prosseguiu um período de estágio com o criador nacional Filipe Faisca durante três meses. Logo após segue-se um período de investigação sobre o título “A moda é uma mentira na qual queremos crer?”, orientada pela teórica de moda, Benedetta Barzini, que actualmente vive em Milão. Esta última, sem dúvida uma fase crucial para o amadurecimento da sua percepção face ao mundo da moda. Actualmente é professora de figurinos na escola Chapató e periodicamente edita trabalhos de carácter conceptual. A sua paixão pela investigação, leva-a, em Outubro de 2008, ao estudo das capulanas de Moçambique nas instalações do Museu Nacional de Etnologia de Lisboa e logo no ano seguinte prosseguiu para o Doutoramento em Design de Moda. No mundo do teatro também encontra lugar, tendo já assinado vários guarda-roupas dirigidos pelo encenador Jorge Listopad: “Só, no quartier Latin”, “Papel, pedra e tesoura” e “Tripla salto”. Foi ainda vencedora da edição 2006 do Concurso Jovens Criadores, do Clube de Artes e Ideias de Moda.

NUNO RICOU SALGADO – Direcção de produção > Nasceu em Portugal, no Bairro Alto, em Lisboa. Viveu durante 14 anos no Rio de Janeiro. Trabalhou no Chapató durante 16 anos, onde foi responsável pelo Departamento Audiovisual, pela Produção da Companhia e, por último, pela programação cultural. Ao longo dos anos produziu diversos espectáculos teatrais. Com encenação de Francisco Salgado: *Contos do Ócio*, Prémio de Execução do Concurso Teatro na Década 97 do Clube Português de Artes e Ideias; *O Picas*; *Cowboy Mouth*; *O Estado da Nação*; *Ricardo III*; *Uma Noite de Verão*, no âmbito de Faro Capital de Cultura e do Festival Shakespeare (Catalunha); Cerejal; *Fragmentos de um discurso*. Com a Companhia do Chapató *O Sorriso*; *O Café*; *Leonardo*; *Romeu e Julieta*; *O Albatroz*; *D. Quixote*; *Tartufo*. Com direcção musical de Nuno Rebelo *Nosferatu*. Foi director de Produção dos Festivais de Cinema “Doclisboa” em 2004; do Seminário “Doc’s Kingdom” em 2005, Serpa; e da “Muestra de Gine Documental Português” em Barcelona, Festival Docúpolis, no CCB, em Barcelona em 2006. Em 2004 funda a Procur.arte Associação Cultural e Social. Desde 2004 tem sido o coordenador do Pisa-Papéis – Roteiro das Artes do Espectáculo, e da FORMAS – Feira Internacional de Artes Performativas de Tavira.

PROCUR.ARTE – Entidade produtora > A Procur.arte é uma associação cultural e social sem fins lucrativos, constituída em 2005 por um grupo de profissionais interessados numa prática crítica e construtiva de projectos no campo das artes do espectáculo, cinema e artes visuais em Portugal e em Espanha. A Associação concebe, produz, promove e dinamiza actividades, projectos e produtos nos domínios da arte, cultura, criatividade e inovação, tendo como destinatários indivíduos, organizações e projectos culturais e criativos. De entre os seus projectos constam peças de teatro, um roteiro de Artes do Espectáculo – PISA-PAPÉIS, e uma feira internacional de Artes Performativas – FORMAS.

AGRADECIMENTOS > Adilson Gomes, Ani Fonseca, Andreia Camilo, Ari Fortes, Arnaldo Ramos, Banco Alimentar, Bei, Cláudia Oliveira, Comecont.Lda, Conceição Encarnação, Cuca Carou, Daniela Valdez, Francisco Motta Veiga, Francisco Salpico, Hugo Menezes, Irlando Ferreira, Isaura Calçada, João Charters, Jorge Encarnação, José Revez, Josina Freitas Fortes, Jozz, Leão Lopes, Leonel & Bicho, Luis Moreira (TVM, designers), Maky Silva, Margarida Clode, Maria Estrela (Mami), Marta Martins, Miguel Rocha, Pedro Bacelar, Pedro Carneiro, Pedro Paiva, Pedro Salgado, Rui Godinho, Rui Tavares Duarte, Silvino Monteiro, Suzana Pombeiro, Tambla Almeida, Teresa Simas, Victor Vaz, Família e Amigos.

+ INFORMAÇÃO/ CONTACTOS > Procur.arte > Largo Vitorino Damásio, 3 - 4.º Dto / 1200-872 – Lisboa
Tel: 213 468 011 / 960 148 111 / 965 091 987
www.procurarte.org / producao@procurarte.org / www.operacrioulo.com / www.operacrioulo2009.blogspot.com

CIDADE VELHA CANDIDATURA A PATRIMÓNIO MUNDIAL DA HUMANIDADE

CCB CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO > ANTÓNIO MEGA FERREIRA [PRESIDENTE] ANA ISABEL TRIGO MORAIS [VOGAL] MARGARIDA VEIGA [VOGAL]
CENTRO DE ESPECTÁCULOS > **DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS** MIGUEL LEAL COELHO | **ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO** LUISA TAVEIRA | **ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO** CLÁUDIA BELCHIOR | **ASSESSOR PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL** JOÃO GODINHO | **SECRETARIADO DE DIRECÇÃO** LUISA INÉS | **DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO** CARLA RUIZ | **PRODUÇÃO** PAULO BARBOSA | INÉS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ | INÉS LOPES | **ASSISTENTE DE PRODUÇÃO** RITA BAGORRO | **DIRECTOR DE CENA** COORDENADOR JONAS OMBERG | **DIRECTORES DE CENA** PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA | **ASSISTENTE DE DIRECÇÃO DE CENA** ISABEL BOAVIDA | **ESTAGIÁRIA** TÂNIA AFONSO | **SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA** YOLANDA SEARA | **DIRECTOR TÉCNICO** PAULO GRAÇA | **CHEFE TÉCNICO DE PALCO** RUI MARCELINO | **SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA** SÓFIA MATOS | **TÉCNICO PRINCIPAL** PEDRO CAMPOS | LUIS SANTOS | RAUL SEGURO | **TÉCNICO EXECUTIVO** ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO | CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES | HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA | RICARDO MELO | RODRIGO OLIVEIRA | RUI CROCA | **CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS** NUNO GRÁCIO | **TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS** RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO | LUIS GARCIA SANTOS | NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS | **CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO** SIAMANTO ISMAILY | **TÉCNICO DE MANUTENÇÃO** JOÃO SANTANA | LUIS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

CO-PRODUÇÃO	 MJC MUSEU JACQUES-LOUIS CALVOT	 CENTRO CULTURAL DE BELEM	(Procur.arte)	APOIO INSTITUCIONAL	 Embaixada da República de Cabo Verde	PATROCÍNIO	 MSF	 CAIXA ECONÓMICA
APOIOS	 imago IMAGEM E COMUNICAÇÃO	 JACC JAZZ AND CONTEMPORARY CLUB	 UNCONTRAST	 fonte viva Em todos os momentos	 ORQUESTRASINFÓNICA PORTUGUESA	 CPBC	COMPANHIA PORTUGUESA DE BAILADO CONTEMPORÂNEO	
	 Real 09017 CINÉVIDE O MULTIMÉDIA	 SOLTRÓNICO	 NileDutch Portugal	 SOTINCO	 sentidoslimitados	TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS		ESCOLA DE DANÇA DO CONSERVATÓRIO NACIONAL

CCB



A HERANÇA DE

BACH

DIAS DA MÚSICA EM BELEM 2009 24\25\26 ABRIL

WWW.CCB.PTBIL-